



PERSONALIA

JOSÉ PACHECO PEREIRA
PERSONALIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXI

ÍNDICE

Caber ou não caber dentro da caixa	9
POEIRAS	17
TEXTOS	
Memórias da leitura	93
O diálogo da batata lusa com a batata castelhana	96
Viver na <i>Twilight Zone</i>	98
O Porto	101
Feito pelo Cavaleiro Andante	102
Os genes egoístas	106
O torrãozinho de açúcar	107
O labirinto solitário de Mário Sottomayor Cardia	111
Mar cão	115
«Conheci muito bem o seu pai, foi meu aluno»	116
Um festival de «jabardices» e hipocrisia na queima das fitas	119
O que é que as pessoas guardam?	122
Ler <i>Guerra e Paz</i> num ecrã de telemóvel	127
Arnaldo de Matos encontra a ceifeira	130
Coisas para ler: quando Eça parece	
Jorge Luis Borges, ou vice-versa	134
A viagem de um rapaz confinado em si mesmo	137
A música venceu Salvatore Quasimodo	140
Ler sobre a «Santa Trincadeira»	143
Elogio e louvor da noite de S. João no Porto	146
Vicente e o <i>Comércio do Funchal</i>	147

© 2021, José Pacheco Pereira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 — E. 10
1750-149 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Personalia*
Autor: José Pacheco Pereira
Revisão e tradução: Tinta-da-china (I. Hugon)
Capa e composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa a partir de: *Trompe l'Œil with Writing Materials*, Edward Collier, c. 1702
(Victoria and Albert Museum, Londres)

As versões originais de «Poeiras» foram publicadas
no blogue *Abrupto*; as versões originais de «Textos»
foram publicadas em vários órgãos da imprensa escrita.

1.ª edição: Agosto de 2021

ISBN: 978-989-671-624-0
Depósito Legal n.º 486144/21

O meu primeiro Barreiro	150
Para não estarmos sempre a falar das mesmas coisas (1)	153
Para não estarmos sempre a falar das mesmas coisas (2)	156
Para não estarmos sempre a falar das mesmas coisas (3): com Mário Soares em Moscovo diante da Lubianca	159
Lenine dentro da <i>Eneida</i>	162

CABER OU NÃO CABER DENTRO DA CAIXA

*Little boxes on the hillside
Little boxes made of ticky tacky
Little boxes on the hillside
Little boxes all the same
There's a pink one and a green one
And a blue one and a yellow one
And they're all made out of ticky tacky
And they all look just the same*
(Cantado por Pete Seeger)

Talvez o exemplo mais significativo das «caixinhas» em que por cá se mete tudo seja o facto de, no apogeu da minha actividade política, presidente do Grupo Parlamentar da maioria, ter no meu gabinete na Assembleia, em lugar de destaque, um poema de Hölderlin na parede. Os jornalistas que lá estiveram, com um olhar atentíssimo aos papéis em cima da secretária e à procura de trivialidades indiscretas, nunca viram o poema encaixilhado atrás de mim e muito menos se interrogaram sobre ele.

A qualidade de «político» é, por nenhuma boa razão, avasaladora e, como tende cada vez mais a ser um insulto, com o estado actual de radicalização nas chamadas «redes sociais», serve os seus fins e tem publicidade assegurada. Esta cegueira classificativa é útil para o populismo, porque acentua a simplificação e reduz tudo à pertença a um lugar maldito, mas também é verdade que os políticos têm muita responsabilidade,

porque cada vez mais não têm outra vida, nem profissional, nem de interesses, se excluirmos o futebol e o Facebook.

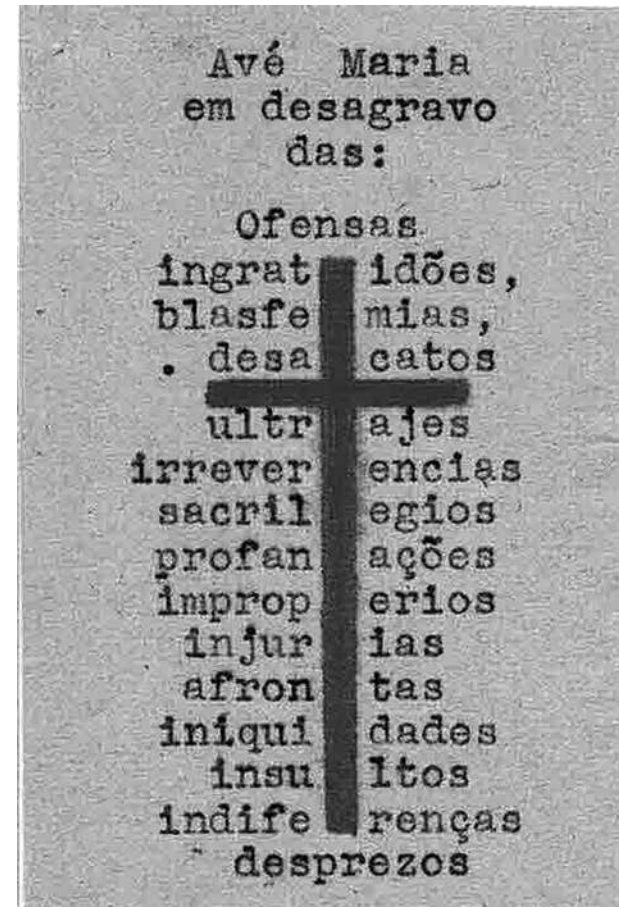
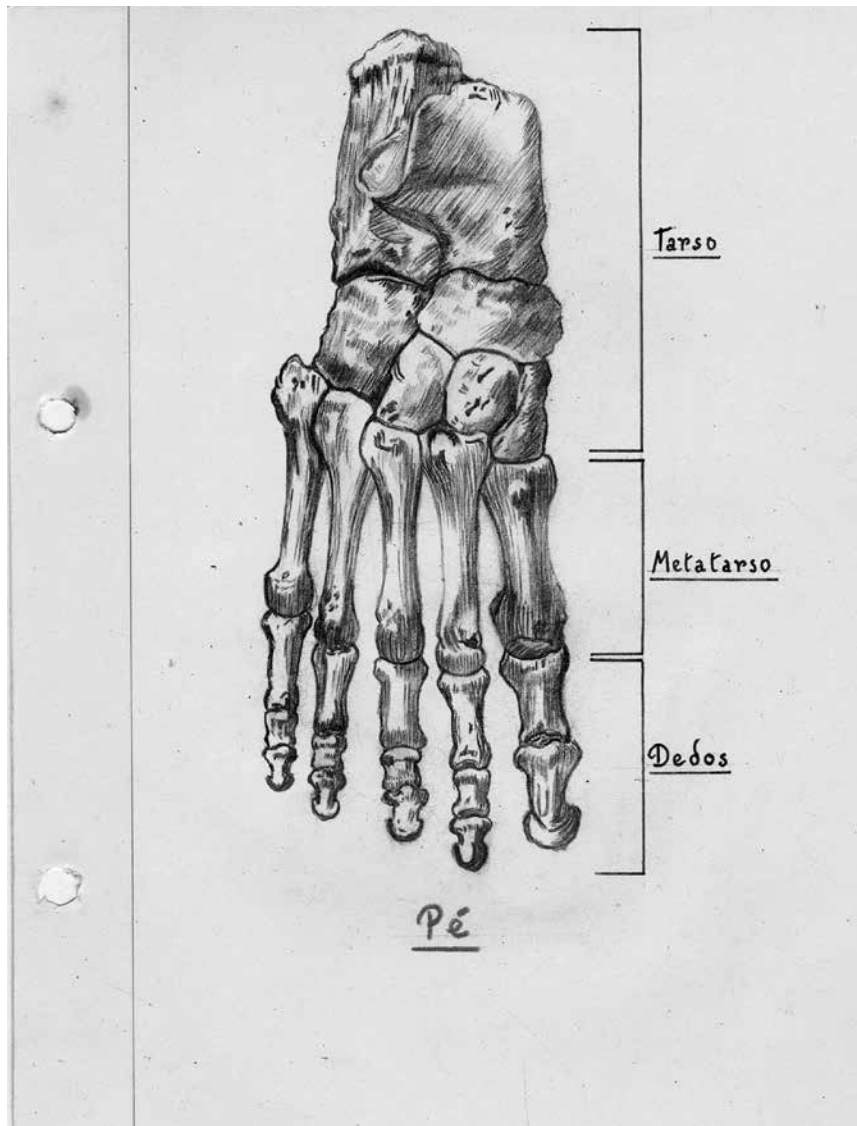
Quer isto dizer que me dou mal com a classificação de «político»? Muito pelo contrário, estou bem com a *Polis*, e em toda a vida que me conheço tive actividade política, desde os anos finais da ditadura até hoje, em que, antes deste texto, escrevi sobre a minha preocupação face à ascensão da direita radical. Há muita abstracção intelectual e ideológica nessa intervenção, mas mesmo assim a principal motivação sempre foi combater duas formas de pobreza: a pobreza material e a pobreza que é viver uma vida sem felicidade, que nem sempre coincidem. Como agnóstico, ou melhor, como ateu (o meu pai dizia que um filósofo podia ser agnóstico, mas nunca classificar-se como ateu, porque não sabia o bastante para ter tanta certeza da inexistência de Deus...), tenho consciência de que a vida que por cá se leva é única, não há julgamentos finais, nem paraísos ou infernos, logo, ou se vive bem ou mal. O verdadeiro objectivo da acção na *Polis* é o bem-estar terreno do maior número. Nenhum texto resume melhor esta atitude do que um comentário de E.P. Thompson sobre o olhar de George Orwell em *The Road to Wigan Pier*, quando vê uma mulher operária a lavar roupa ao frio atrás da sua casa.

É certo que às vezes esta *pietas*, no sentido romano, é uma forma enviesada que têm os intelectuais de se preocuparem com o «povo» que conhecem mal. Eu tive a sorte de o ter conhecido mais do que é habitual, mesmo que fosse para recrutar um filho de pescadores para o meu grupo esquerdista no interior do Bairro dos Pescadores em Espinho e ver a devastação das famílias pela pobreza e o alcoolismo, ou conviver muito de perto com operárias têxteis nas fábricas do Ave, com a sua liberdade interior e física, no meio da dureza da profissão e da vida, com maus maridos e demasiados filhos, ou visitar bairros clandestinos em Loures debaixo de chuva, onde tudo era cinzento e triste. E de

ver fábricas e oficinas por dentro, saber como se trabalha num torno ou num tear, como se monta numa tipografia uma página em chumbo, ou estar com a fila de emigrantes ilegais, de *valise de carton* à cabeça com uma rodilha, a atravessar ilegalmente as fronteiras. Devo muito desse conhecimento à política, e não à necessidade, seja nos anos clandestinos, seja em democracia, mas nunca deixarei dizer que não se aprende quando se é curioso e se tem empatia com a sorte dos outros. E eu aprendi — como dizem os cristãos, enquanto «testemunho» — que a sorte de pouco é quase sempre a má sorte de muitos.

Depois aprendi com os livros, e muito. Quem gosta de contrapor a «vida» aos livros, ou não gosta de ler ou, mais provavelmente, não lê, e duvido muito que tenha «vida». O anti-intelectualismo dos nossos dias, como valoriza a ignorância agressiva, atribui o mesmo valor a um «achismo» qualquer que ao conhecimento e ao estudo, e é também por isso que eu, que nunca fui dado à humildade, fico cada vez mais arrogante.

Nalguns textos que estão aqui recolhidos percebe-se essa aprendizagem, estética e substantiva, que «nos faz», nem sempre como desejamos, mas como é. O que tem de ser tem muita força, e o que se lê tem muita força. De tantos livros escolho apenas um que me «fez» mais do que eu imaginava, *A Montanha Mágica* de Thomas Mann, ainda por cima lido no exemplar do Eugénio de Andrade, com os sublinhados, estrelas a classificar e parágrafos marcados de lado. A página mais marcada era o diálogo em francês com Madame Chauchat, que não se sabe se é um felino erótico ou a marca da metralhadora que vai dizimar os soldados na guerra, para que Castorp «desce» no fim do livro depois de ouvir a «Tília» de Schubert. Os livros encaixam bem no meu gosto pela erudição, no sentido da frase de Jorge Luis Borges de que a erudição é uma forma «moderna» do fantástico, ou, em bom rigor, em qualquer outro sentido. E a erudição alimenta a curiosidade e a imaginação. Por tudo isso, o aborrecimento nunca me assiste.



essa falta é superada pela imensidão de santinhos, pagelas, orações copiadas à mão e mais raramente à máquina, metidos entre as folhas do livro. Algumas delas são um duplo retrato da Igreja portuguesa e da reacção dos fiéis à vida política nacional e mundial. A folha de «intenção de orações» que aqui vem reproduzida é um exemplo entre vários, que vão dos pescadores do bacalhau até aos Viriatos que combatiam em Espanha o «bolchevismo».

Contrariamente ao que acontece nos países protestantes, o missal não é visto como sendo familiar, e não há a figura da

PERSONALIA

de José Pacheco Pereira,
foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela
Rainho & Neves sobre papel Coral Book
de 90 g, em Julho de 2021.